



REDEIRAS DA Z-3, MULHERES NA PESCA DE SONHOS NO ARTESANATO

Vitoria de Lima Cardoso¹
Cláudio Baptista Carle²

Resumo: O artigo aborda a transformação do saber-fazer rede de pescar camarão-rosa, para o ofício da confecção de um artesanato derivado da pesca, no grupo de mulheres artesãs-pescadoras, chamadas redeiras, no extremo sul do Brasil. A abordagem etnográfica de pesquisa, de modo geral, permite a perspectiva na forma como a Antropologia produz conhecimento, destacando a importância do trabalho empírico de campo e confrontando as teorias existentes com a realidade observada. No trabalho de campo, as experiências, aprendizados e reflexões foram registradas por meio de um diário de campo, que sempre era escrito após a observação participante. Os dados de campo também foram produzidos a partir do uso do gravador de voz do celular, em especial nos momentos em que se fizeram oportunos e coerentes com as dinâmicas do campo.

Palavras-chave: Pesca artesanal; Saber-fazer; Antropologia da pesca; Artesanato

REDERAS DE LA Z-3, MUJERES EN LA PESCA DE SUEÑOS EN LA ARTESANÍA

Resumen: El artículo aborda la transformación del saber hacer de fabricación de una red de pesca de camarón rosado en el oficio de hacer una artesanía derivada de la pesca en el grupo de mujeres pescadoras artesanales, llamadas redeiras del extremo sur de Brasil. El enfoque de la investigación etnográfica, en general, permite tener una perspectiva sobre el modo en que la Antropología produce conocimiento, resaltando la importancia del trabajo de campo empírico y la comparación de las teorías existentes con la realidad observada. En el trabajo de campo se registraron experiencias, aprendizajes y reflexiones a través de un diario de campo, el cual fue siempre elaborado luego de la observación participante. También se produjeron datos de campo utilizando una grabadora de voz de teléfono celular, especialmente en momentos en que era apropiado y consistente con la dinámica del campo.

Palabras clave: Pesca artesanal; Saber-hacer; Antropología de la pesca; Artesanía;

NET-MAKERS OF Z-3: WOMEN WEAVING DREAMS INTO CRAFT

Abstract: The article addresses the transformation of the know-how of making a pink shrimp fishing net into the craft of making a craft derived from fishing in the group of female artisan-fishermen, called redeiras in the extreme south of Brazil. The ethnographic research approach, in general, allows perspective on the way in which Anthropology produces knowledge,

¹ Antropóloga e Mestre em Antropologia, Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil, vitorialimacardoso2604@gmail.com.

² Doutor em História, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil, cbcarle@yahoo.com.br.

highlighting the importance of empirical field work and comparing existing theories with observed reality. In the fieldwork, experiences, learning and reflections were recorded through a field diary, which was always written after participant observation. Field data were also produced using a cell phone voice recorder, especially at times when appropriate and consistent with field dynamics.

Keywords: Artisanal fishing; Know-how; Fishing Anthropology; Crafts;

1. Introdução

O trabalho das mulheres, na colônia de pescadores, se destaca por ofícios próprios, ligados ao gênero e à idade. O ofício, que era diretamente ligado à pesca artesanal especificamente, vem sofrendo transformações principalmente no que se refere ao artesanato ligado à produção original de redes. As transformações estão ligadas às próprias mudanças na pesca artesanal, com a entrada de novas tecnologias e ampliação de mercado de peixe e outros produtos da pesca. Assim, o artigo tem como intuito discutir como foi se construindo o processo de transformação do ofício de produção de redes de pescar para as habilidades na confecção do artesanato derivado da pesca. Nas narrativas das artesãs ficam evidentes as tramas de relações entre os ofícios oriundos da pesca e o artesanato derivado da pesca.

A Colônia Z-3, localizada no segundo distrito de Pelotas, RS, faz parte deste ecossistema complexo, às margens do estuário da Laguna dos Patos, que regula o regime hidrológico da região do bioma Pampa (Oliveira et al. 2019). Os moradores e moradoras da comunidade se mantêm ou vinculam-se em sua maioria, de alguma forma, com a pesca artesanal, caracterizada pela captura de espécies aquáticas e realizada com mão de obra familiar ou não assalariada (Diegues, 1983). A comunidade mantém e compartilha laços com outras colônias pesqueiras na região, (Fig. 1); como Z-1 (Rio Grande), Z-2 (São José do Norte) e Z-8 (São Lourenço do Sul), conectadas pelo estuário e por relações de parentesco e vizinhança.

As mulheres da Colônia Z-3 estão envolvidas direta e indiretamente nas atividades de pré- e pós-captura, relacionadas ao núcleo familiar na Colônia Z-3 (Hellebrandt et al. 2016; Hellebrandt & Rial, 2017). As mulheres, geralmente, estão em terra e se dedicam às atividades de pré- e pós-captura dos pescados, especialmente quando atingem certa idade. Elas podem exercer diversas atividades dentro da Colônia Z-3, tais como: redeiras, pescadoras, artesãs, fileteiras, descascadeiras e atuando no beneficiamento do pescado. Produzindo subprodutos

como farinha de pescado, peixe salgado, entre outros (Galvão 2013, 52). As mulheres garantem condições de forma contínua para a realização da pesca. Em virtude da ausência de empregos formais e oportunidades, as mulheres se veem ligadas a várias atividades para complementar a renda familiar. O artesanato surge como um fator que conecta essas várias atividades às outras já exercidas anteriormente por elas no cotidiano, como a atividade doméstica e a pesca, ou atividades relacionadas ao trabalho no mar.

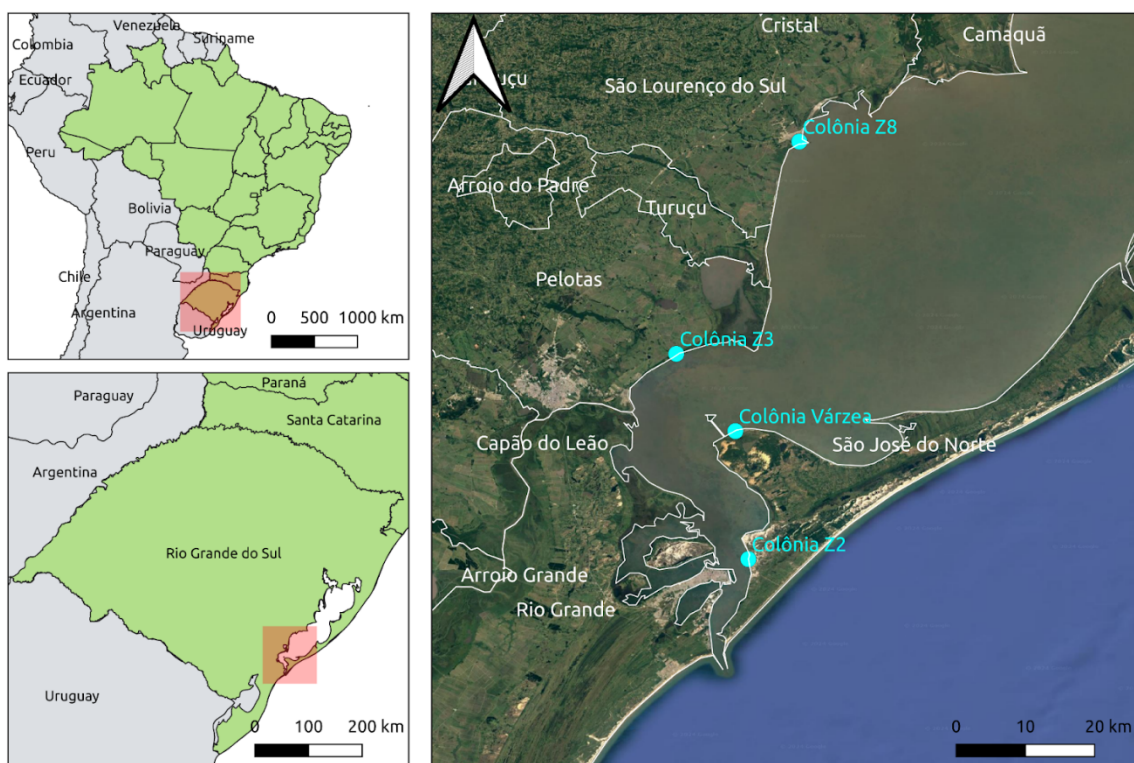
As reflexões apresentadas no artigo são fruto da dissertação de mestrado em Antropologia, já defendida pela Universidade Federal de Pelotas, que teve como foco a materialidade e o saber-fazer das redeiras, pescadoras-artesãs da Colônia de Pesca Z-3, no Rio Grande do Sul. O objetivo do estudo foi compreender de que forma a interação com as materialidades, rede de pescar camarão, podem constituir o grupo de pescadoras-artesãs.

O percurso metodológico da pesquisa é marcado pela observação participante inspirada nos princípios da descrição densa de Clifford Geertz (1989) que marca o processo de interação com as narradoras, seus fazeres e seus locais, suas materialidades. A abordagem permite uma aproximação do cotidiano das artesãs e suas práticas, possibilitando a compreensão dos significados implícitos em suas formas de viver e experimentar o mundo. Seja através de expressões, percepções e gestos que são carregados de significados das ditas “nativas” de determinada cultura.

A abordagem etnográfica de pesquisa de modo geral, permite a perspectiva na forma como a Antropologia produz conhecimento, destacando a importância do trabalho empírico de campo e confrontando as teorias existentes com a realidade observada.

Durante o trabalho de campo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas no Mercado Público, local onde vendem o artesanato, nos meses de outubro e novembro de 2022; e também visitas às casas das artesãs-pescadoras na Colônia Z-3, frequentando a comunidade pesqueira semanalmente, durante os meses de fevereiro e março de 2023. Os dados de campo também foram produzidos a partir do uso do gravador de voz do celular, em especial nos momentos em que se fizeram oportunos e coerentes com as dinâmicas do campo. A pesquisa de campo apontou que a modernização da pesca foi um dos fatores que atravessou o saber-fazer da rede de pescar camarão, dando lugar ao ofício do artesanato derivado da pesca.

Figura 1. Mapa de localização das Colônias pesqueiras da Lagoa dos Patos.



2. Resultados e discussões

Colônia Z-3 e os ofícios da pesca artesanal

A Lagoa dos Patos tem suas margens habitadas por comunidades de pesca - intituladas Colônias – que, antes da colonização portuguesa, abrigavam habitantes nativos, especialmente guaranis, considerados exímios pescadores. Historicamente, na região, esses indígenas foram chamados de Charruas e Minuanos. Os moradores e moradoras desta região do estuário, a partir da colonização portuguesa, se caracterizam pela descendência de imigrantes das ilhas dos Açores, da Madeira e portugueses continentais, que se estabeleceram no século XVII e passaram por miscigenação com indígenas e negros. Estas populações, atualmente e ao longo da história, caracterizam-se pelas práticas tradicionais de pesca e agricultura e carregam consigo

um repertório cultural e técnico proveniente deste intercâmbio entre indígenas, negros e colonos (Moura, 2009).

O autor (Moura, 2009) ressalta que uma parcela significativa dos pescadores e pescadoras desta região são descendentes de catarinenses, prioritariamente açorianos, que vieram para o sul da Lagoa dos Patos por volta de 1940. Isso ocorreu devido à expulsão das populações tradicionais da região costeira, por conta da especulação imobiliária decorrente do turismo em Santa Catarina. Uma parcela significativa de pescadores e pescadoras também se afirmam como descendentes de portugueses de Póvoa do Varzim, oriundos de um fluxo migratório que aconteceu entre fins do século XIX e meados do século XX.

A Colônia Z-3 constitui, nos dias atuais, um local singular. Considerando sobretudo aqueles e aquelas que vivem da pesca artesanal, estabelecem em seu cotidiano uma relação estreita com o ambiente, constituindo um modo de vida envolto pelas águas, pelos entes sobre e sob as águas e pelas tecnologias de acesso às águas. O trabalho neste universo se conecta em vários aspectos, não sendo possível uma divisão entre o trabalho e o modo de vida (Silva & Filho, 2022).

3. Modernização da pesca artesanal

A pesca artesanal na da Lagoa dos Patos, mais especificamente praticada na Colônia de Pescadores Z-3, vem sofrendo com a redução significativa dos cardumes de peixes e camarões nos últimos anos. Muitas são as causas que justificam esse cenário, que vai desde a pesca predatória praticada por grandes embarcações, os efeitos da degradação dos rios que deságuam no estuário da Lagoa dos Patos e eventos extremos (Anjos et al. 2004).

O avanço da modernização da pesca artesanal altera diretamente os ofícios ligados à antiga pesca artesanal. Alterações que marcam a posição e trabalhos das mulheres da comunidade. As mulheres - sejam elas redeiras, pescadoras-artesãs, descascadeiras de camarão, entre outras - são marcadas por esse contexto atual de uma dinâmica mais acelerada de pesca, na distribuição e na alteração dos materiais em uso na pesca.

O crescimento do setor pesqueiro no Brasil se insere em um contexto mais amplo, no qual a ideia de desenvolvimento aparece como um caminho para o progresso e, por consequência, a melhora da qualidade de vida (Pérez & Gomez, 2014). Assim, o progresso era

- e ainda é – visto, em algumas situações, como um processo imanente em direção a um projeto de forma de vida única.

A questão do desenvolvimento é uma temática antiga na Antropologia brasileira e remonta diretamente aos estudos de Darcy Ribeiro (1968). Especialmente em sua obra “Antropologia da civilização”, iniciada na década de 1960 e formada por cinco livros, tinha como objetivo central analisar o desenvolvimento desigual da América Latina, com ênfase no Brasil. Por outro lado, entre as décadas de 1970 e 1980, estudos de Antropologia rural no Brasil se interessaram pela temática dos processos de desenvolvimento sobretudo como mudança, transformação social, desigualdades e relações de poder em diferentes escalas e dimensões (Pérez & Gomez, 2014).

Na minha dissertação de mestrado em Antropologia na Universidade Federal de Pelotas, percebo, a partir dos trabalhos de campo, que a modernização impactou os ofícios das mulheres da comunidade de pesca artesanal Colônia Z-3, na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul. Por exemplo, o ofício de redeira desapareceu nesta comunidade por causa da modernização da pesca artesanal no processo de elaboração e mudança do material utilizado para as confecções das redes de pesca. No passado, as redes eram feitas de linho pelas mulheres desta comunidade, mas atualmente são feitas industrialmente de material sintético nylon-seda e nylon-plástico. As linhas, os nós, as agulhas, o espaço de armazenagem, o lugar de tecer, tudo com a introdução desses novos materiais mudam, e mudam também os aprendizados e ensinamentos que são transmitidos de geração em geração. Tudo isso se voltou para a transformação do saber-fazer rede de pescar na Colônia Z-3, dando lugar ao ofício do artesanato derivado da pesca. Este é composto por artesãs-pescadoras, chamadas redeiras, que recriam esse saber-fazer redes de pesca para confecção de bolsas e acessórios femininos.

4. Saber-fazer rede de pescar camarão rosa

As “redeiras” apresentam trajetórias de vidas marcadas como artesãs. Mari Angela, de 60 anos de idade, é conhecida como Zuca e atua junto com Vilma Palins, de 80 anos de idade. Ambas mantêm relações estreitas com o ofício de confeccionar e remendar redes de pescar camarão, na Colônia de Pescadores Z-3.

Nascidas e criadas na Colônia Z-3, ambas aposentadas pela pesca, aprenderam o ofício com os irmãos, pescadores artesanais na Colônia. Vilma me contou muitas histórias, enquanto estive em sua casa, sobre os dois irmãos que hoje já são falecidos.

Vilma lembra como era a vida quando os dois irmãos eram vivos, narra: “eles pescavam e a gente fazia né (as redes de pescar camarão), depois começou a fazer rede para *“fora”*. A narrativa de Vilma, me remete ao texto de Leroi Gourhan (1971) sobre o corpo do conhecimento, que é transmitido através da memória familiar comum, que “relacionam-se com todos os episódios materiais e morais da vida quotidiana, e a sua inscrição na memória pessoal dos sujeitos” (Gourhan 197, 56). Pensando nas falas de Vilma, percebo que os inúmeros momentos de interação, na confecção dos objetos da pesca, as redes, “episódios materiais” que a fazem refletir sobre suas obrigações como “redeiras” no corpo familiar, constituído por homens e mulheres (irmãos e irmãs, neste caso), na sua posição como mulher no contexto da pesca, como aspectos “morais da vida quotidiana”, os seus afazeres, as transformam em hábeis artesãs, que proporcionam a produção extra familiar, o “fazer para fora”, e que está “inscrita na memória”, tanto sua como de sua irmã.

O antropólogo Gianpaolo Adomilli (2009), acrescenta perspectivas sobre minha interpretação das memórias de Vilma, sobre aquela época com seus irmãos. Adomilli coloca que as “narrativas de pescadores idosos, redeiros ou ainda na ativa, revelam uma época em que fazer redes era uma atividade totalmente artesanal, sendo que muitas mulheres ficavam em casa, fazendo redes para os maridos pescadores, em um contexto de produção familiar”. (Adomilli 2009, 103) As narrativas das “redeiras” idosas que recuperam as redes mostram um fazer que era de produção total das redes para a família pescadora, “fazer redes era uma atividade totalmente artesanal”, e a atividade cotidiana das “mulheres”, que “ficavam em casa”, marcam o “contexto de produção familiar” do grupo humano dedicado à pesca. Não faziam para seus maridos, mas para seus irmãos, numa divisão intrínseca de trabalhos ligados ao gênero. Cabe indicar que, no caso das irmãs, há uma diferença temporal no envolvimento com os afazeres diretamente ligados às “redeiras”. Em Vilma, percebe-se uma longevidade na ação e em Mari (Zuca), uma outra temporalidade.

No meu convívio com Vilma, pude notar seu profundo conhecimento sobre o mundo da pesca artesanal na Colônia Z-3. Todo o processo que envolve a pesca é transmitido através da memória familiar e na vivência, enquanto parte da família pescadora. A sua constituição como

pessoa, no contexto do grupo, é fruto dessa posição tomada nos afazeres cotidianos, sendo elemento fundamental para sua constituição como pessoa no universo da pesca. Nesse sentido, Vilma estabelece uma relação de pertencimento com o lugar e com os fazeres. A leitura de Antônio Carlos Diegues (2000) me possibilita entender o lugar como “um território enquanto ‘locus’, onde se produzem relações sociais e simbólicas” (Diegues 2000, 35). As interações para a pesca colocam as irmãs como integrantes desse “locus” da pesca, seus afazeres cotidianos são interligados com a posição social e a permanência de uma forma de viver, forma essa enfatizada na simbólica do manter as memórias do que se é como pessoa, uma mulher na pesca, com todas suas atribuições.

Os dados etnográficos mostram que a relação com a pesca no cotidiano, na sua posição como mulheres na interação com os homens, sejam maridos ou irmãos, cujos papéis sociais estão definidos pelo arranjo cultural, fazem apresentar sua continuidade no fazer, na tradição que constitui sua posição como “redeiras”. Através da relação com os homens, aquelas mulheres, que não pescam, que não participam diretamente na etapa da captura do pescado, no bote ou fora dele, são marcadas pelas dinâmicas do “mar”, que acompanham e mobilizam sua vida e afazeres.

É impossível desassociar o artesanato do lugar em que vivem as artesãs-pescadoras, assim como os saberes e ofícios que lhe são intrínsecos. Pensar acerca deste saber-fazer artesanal implica em reconhecer todos estes conhecimentos e práticas constantes na criação e invenção, que possibilitam formas de continuidade de um determinado elemento cultural, tendo em vista que a cultura é dinâmica, “inventada” constantemente (Herrmann, 2022).

5. A persistência dos objetos

Mari Ângela Lima, conhecida como Zuca, foi criada em uma família de pescadores e casou-se com um pescador. Na relação com esse pescador teve dois filhos, mas nenhum dos dois seguiu o caminho da família pesqueira. Criou os filhos sem se dedicar diretamente à atividade “redeira”, mas estava ligada a mesma pela interação familiar, com a colônia de pescadores, com o marido. Aposentada pela pesca, o ofício do artesanato foi uma habilidade aprofundada depois da aposentadoria. Tornar-se artesã é algo novo para ela. Zuca indica que ainda está em processo de aprendizagem, com relação às técnicas de produção do crochê e da

tecelagem no tear. Sua principal atividade no grupo, no momento, é de transformar sua habilidade de tecer rede de pesca em outros objetos artesanais.

A minha leitura de Ingold (2010) permite perceber que a habilidade é a base de todo o conhecimento. Habilidades que mostram, segundo o autor, que todo o ser humano é um centro de percepções e agência em um campo de práticas. Nesse sentido, percebo que Zuca, usando a habilidade adquirida com os fios e a agulha de rede, retoma essa experiência anterior. Isso lhe permite redescobrir esses conhecimentos e, a partir deles, criar novos objetos artesanais. A inovação e criação com base nos aspectos tradicionais permite que o ato de realizar a produção “para fora” se consolide com a criação de outros objetos além da rede que efetiva o ato da pesca. Torna-se “redeira para fora” do próprio grupo em interação original, de artesã para a pesca, torna-se artesã “para fora” do mundo da pesca.

Zuca exerceu o ofício de confeccionar redes de pescar por alguns anos, fazia *pra fora*, mas depois o processo de confecção da rede de pescar foi mudando. Os apetrechos da pesca, tais como a rede de pescar camarão, foram se transformando, se modernizando. Assim, o ofício de confeccionar a rede de pescar artesanalmente foi sendo substituído pela praticidade de se comprar uma rede em uma loja, com materiais e formas padronizadas na indústria, regulada por parâmetros, muitas vezes externos ao grupo, mas que configuram as exigências legais que mudam com o tempo. Zuca utilizava antes um tipo de material para tecer e remendar as redes, agora esse material também é diferente, “é outro fio”, como me explica Zuca.

O antropólogo Gianpaolo Adomilli (2009) me ajuda a contextualizar o que diz Zuca, a respeito do fio referido pela artesã. O antropólogo diz que as redes eram feitas de linho, “consideradas grossas” pelos pescadores e pescadoras, chamadas como “redes *de fio*”, que aos poucos foram sendo substituídas por “outras linhas, mais leves e resistentes, feitas de material sintético, como nylon-seda e o nylon-plástico, com a vantagem de apresentar maior durabilidade e maior eficiência nas capturas” (Adomilli 2009, 103). As linhas, os nós, as agulhas, o espaço de armazenagem, o lugar de tecer, tudo com a introdução desses novos materiais mudam, e mudam também os aprendizados e ensinamentos que são transmitidos pelas “redeiras”, umas às outras e aos que se sucedem.

O processo de transformação dos apetrechos da pesca e, principalmente, no trabalho na pesca artesanal, foram desencadeados, segundo o antropólogo Gianpaolo (2009), pela industrialização e expansão do mercado pesqueiro. É interessante perceber que, mesmo com

essa ampliação na produção capitalista, os pescadores ainda apresentam técnicas tradicionais de captura e relação com os entes aquáticos. Hoje em dia, Zuca não trabalha mais confeccionando e remendando rede de pescar *para fora*, mas redescobriu essa habilidade com os fios e com o artesanato. O “para fora” avança para além das redes, torna-se artesã “para fora”.

As práticas e habilidades relacionadas aos ofícios oriundos da pesca artesanal se entrelaçam ao ofício do artesanato de forma contínua, na relação com as ferramentas. As agulhas, o domínio dos nós, a formação da tela em renda (como redes de pesca) não se perde, se modifica na arte de criação de novos objetos. É evidente a relação com a *navete*, vide figura 2, conhecida pelas artesãs como a *agulha de rede*. A *navete* é utilizada tanto para confeccionar as redes de pescar camarão, como uma atividade que permanece no universo da pesca, quanto para produzir bolsas e xales. O tecer, para o grupo de pescadores, se abre para o mundo exterior nas bolsas e xales. A perspectiva que se cria no pensar sobre as habilidades relacionadas com estes ofícios da pesca artesanal, refletem sobre as atoras humanas, como com os agentes não humanos. As mulheres “redeiras” envolvidas pela dinâmica da pesca artesanal são interseccionadas pela dinâmica da mudança na forma, padrões da pesca, de uma pesca inicial de subsistência, para uma pesca ligada aos modelos capitalistas de produção quase industrial, cujos objetos, redes, fios e outros se modificam, mas àqueles que permanecem, mudam suas estratégias, tanto as mulheres quanto as agulhas que juntam esses fios. Criam outras formas de objetos como interações com o mundo, o mundo industrial invade a comunidade pesqueira como a comunidade pesqueira invade o mundo industrial. As agências humanas e não humanas se interseccionam.

Figura 2 (fonte: google)



A imagem acima da *agulha de rede*, também conhecida no universo do artesanato como *navete*, mostra o objeto que agora está tanto para tecer redes de pescar camarão, quanto para tecer no tear bolsas e xales. Refletir acerca dessa ferramenta é pensar também acerca dos processos de transformação desses ofícios e habilidades em algum produto, artefato para o consumo, que no caso das redeiras, não foi algo que foi se transformando naturalmente com o passar do tempo, ou fruto de um processo de improvisação e experimentação decorrente do saber-fazer artesanato. Mas sim, um processo de constante construção, reconstrução e, principalmente, negociação do que é considerado belo e vendável na trajetória do grupo.

6. Conclusões

As reflexões e análises acerca do saber-fazer rede de pescar camarão neste grupo de artesãs-pescadoras, redeiras, revelam que as práticas e habilidades relacionadas aos ofícios oriundos da pesca artesanal se entrelaçam ao ofício do artesanato de forma contínua, na relação com as ferramentas.

A resistência e persistência dessa materialidade - a rede de pescar camarão - tornam essas mulheres bases para o contexto do artesanato oriundo da pesca. Este texto contrasta com a invisibilidade da cadeia produtiva da pesca, mostrando as relações complexas de gênero no referido setor. A mulher na terra, restrita ao ambiente doméstico, não é verdadeira, mas agora já nas idades avançadas seu estar na terra remete ao “mar”. O artesanato das mulheres na comunidade pesqueira marca relações no modo de vida, construídas no criar redes de pesca e recuperar as estragadas, mas agora, envoltas pela criação de outras obras, que carregam a marca do “mar” no processo de confecção do artesanato e na cadeia produtiva da pesca artesanal da Colônia Z-3.

A rede de pescar camarão rosa, com o tempo de pesca, faz com que a história sobre ela mude e a rede “perde sua função” de captura pelo desgaste e uso, e é construída de novo, para concordar com as condições sempre mutáveis do presente. Portanto, a partir da narrativa que se cria com o artesanato, a rede ganha outra “estória”, é feito um fio para a tecelagem, construindo assim, momento a momento, a “estória” e o propósito que é contado sobre a rede aviãozinho.

7. Referências bibliográficas

ADOMILLI, Gianpaolo Knoller. *Terra e mar, do viver e do trabalhar na pesca marítima: tempo, espaço e ambiente junto a pescadores de São José do Norte-RS*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: UFRGS, 2007.

ADOMILLI, Gianpaolo Knoller. *Arte de pescar, arte de narrar: notas etnográficas sobre a dimensão cultural do trabalho em uma comunidade pesqueira*. MétiS: História & Cultura - v.8,n.16,p.97-119,jul./dez. 2009.

ADOMILLI, Gianpaolo Knoller. *Um percurso de (re) existências em águas salgadas: notas sobre mobilidade e memória do litoral em uma comunidade pesqueira*. In: Ana Luiza Carvalho da Rocha; Cornelia Eckert. (Org.). *Tempo e memória ambiental : etnografia da duração das paisagens citadinas*. 1ed. Brasília, DF: ABA Publicações,, 2021, v. 1, p. 08-416.

ALENCAR, Edna. F. *Gênero e trabalho nas sociedades pesqueiras*, In: FURTADO, LEITÃO & DE MELLO (Orgs.) *Povo das águas – realidade e perspectiva na Amazônia*, Belém: MPEG, p. 63-81, 1993.

ANJOS, Flávio Sacco dos; NIEDERLE, Paulo André; CALDAS, Nádia Velleda. *Pluratividade e pesca artesanal: o caso da Colônia Z-3 em Pelotas, RS*. *Sociedade em Debate*, v. 10, n. 3, p. 9-42, 2004.

DIEGUES, Antônio Carlos. *Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil*. São Paulo: MMA/COBIO/NUPAUB/USP, 2000.

DE OLIVEIRA, V. D., dos Anjos, F. S., Caldas, N. V., & da Silva, F. N. *Aspectos socioeconômicos da pesca artesanal no Estuário da Lagoa dos Patos (RS): Estudo de caso na Colônia de Pescadores Z-3*. *Revista de Extensão e Estudos Rurais*, 8(1), 44-70, 2019.

GEERTZ, Clifford. *Uma Descrição Densa: Por Uma Teoria Interpretativa da cultura*. In: *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. P. 3-21.

PÉREZ, Mercedes Solá; GÓMEZ, Jorge Ramón Montenegro. *Políticas de desenvolvimento da pesca e aquicultura: Conflitos e resistências nos territórios dos pescadores e pescadoras artesanais da vila do Superagüi, Paraná, Brasil*. Sociedade & Natureza, v. 26, p. 35-47, 2014.

LEROI-GOURHAN, André. 1971. *El gesto y la palabra* Caracas: Universidad de Venezuela.

HELLENBRANDT, Luceni; Rial, Carmen; Leitão, Maria. *Pesca e gênero: reconhecimento legal e organização das mulheres na “Colônia Z3” (Pelotas/RS-Brasil)*. Vivência: Revista de antropologia, vol. 1, no 47, p. 123-136., 2016.

HERRMANN, Miriel Bilhalva. *Artesanato em lã: uma referência cultural na Pampa sul rio-grandense*. Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia, v. 10, n. 2, p. 97-120, 2022.
